



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO **AUDIÊNCIA GERAL** Praça São Pedro

Quarta-feira, 19 de setembro de 2018 **[Multimídia]**

Catequese sobre os Mandamentos - 9

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

Na viagem no interior das Dez Palavras, hoje chegamos ao mandamento sobre o pai e a mãe. Fala-se da honra devida aos pais. Em que consiste esta “*honra*”? O termo hebraico indica a glória, o valor, à letra, o “*peso*”, a consistência de uma realidade. Não é questão de formas exteriores, mas de verdades. Nas Escrituras, honrar a Deus quer dizer reconhecer a sua realidade, fazer as contas com a sua presença; isto exprime-se também mediante os ritos, mas implica sobretudo atribuir a Deus o lugar certo na existência. Portanto, honrar o pai e a mãe significa reconhecer a sua importância até com gestos concretos, que manifestam dedicação, afeto e esmero. Mas não se trata apenas disto.

A Quarta Palavra tem uma sua característica: é o mandamento que contém um êxito. Com efeito, reza: «Honra teu pai e tua mãe, como te mandou o Senhor teu Deus, *para que se prolonguem os teus dias e prosperes na terra que te deu o Senhor teu Deus*» (Dt 5, 16). Honrar os pais leva a uma vida longa e feliz. No Decálogo, a palavra “felicidade” só aparece ligada ao relacionamento com os pais.

Esta sabedoria multimilenária declara aquilo que as ciências humanas souberam elaborar só há pouco mais de um século: ou seja, que a marca da infância se reflete sobre a vida inteira. Muitas vezes pode ser fácil entender se alguém cresceu num ambiente saudável e equilibrado. Mas igualmente perceber se uma pessoa provém de experiências de abandono ou de violência. A nossa infância é um pouco como uma tinta indelével, exprime-se nos gostos, nos modos de ser, não obstante alguns procurem esconder as feridas das próprias origens.

Mas o quarto mandamento diz ainda mais. Não fala da bondade dos pais, não exige que os pais e as mães sejam perfeitos. Fala de um gesto dos filhos, prescindindo dos méritos dos pais, e diz

algo extraordinário e libertador: embora nem todos os pais sejam bons e nem todas as infâncias sejam tranquilas, todos os filhos podem ser felizes, porque o êxito de uma vida plena e feliz depende do justo reconhecimento por aqueles que nos deram a vida.

Pensem como esta Palavra pode ser construtiva para tantos jovens que provêm de histórias de dor e para todos aqueles que sofreram na própria juventude. Muitos santos — e numerosos cristãos — depois de uma infância dolorosa, levaram uma vida luminosa porque, graças a Jesus Cristo, se reconciliaram com a vida. Pensem no jovem Sulprizio, hoje Beato e no próximo mês Santo, que com 19 anos concluiu a sua vida reconciliado com muitas dores, com tantas situações, porque o seu coração estava sereno e nunca tinha renegado os seus pais. Pensem em São Camilo de Lellis que, de uma infância desordenada, construiu uma vida de amor e de serviço; em Santa Josefina Bakhita, que cresceu numa escravidão horrível; ou no Beato Carlos Gnocchi, órfão e pobre; e no próprio São João Paulo II, marcado pela perda da mãe em tenra idade.

Independentemente da história da sua proveniência, o homem recebe deste mandamento a orientação que conduz a Cristo: com efeito, é n'Ele que se manifesta o verdadeiro Pai, que nos oferece o “*renascimento do Alto*” (cf. *Jo* 3, 3-8). Os enigmas das nossas vidas iluminam-se quando se descobre que Deus nos prepara desde sempre para uma vida como seus filhos, onde cada gesto é uma missão recebida d'Ele.

As nossas feridas começam a ser potencialidades quando, por graça, descobrimos que o verdadeiro enigma já não é “*porquê?*”, mas “*por quem?*”, por quem me aconteceu isto. Em vista de qual obra Deus me forjou, através da minha história? Aqui tudo se inverte, tudo se torna precioso, tudo se torna construtivo. A minha experiência, ainda que seja triste e dolorosa, à luz do amor, como se torna para os outros, para quem, fonte de salvação? Então, podemos começar a honrar os nossos pais com liberdade de filhos adultos e com misericordiosa aceitação dos seus limites.^[1]

Honrar os pais: eles deram-nos a vida! Se tu te afastaste dos teus pais, faz um esforço e regressa, volta para eles; talvez sejam idosos... Eles deram-te a vida. Além disso, temos o hábito de proferir expressões feias, até palavrões... Por favor, nunca, nunca, nunca insulteis os pais de outrem. Jamais! Nunca se insulta a mãe, nunca se insulta o pai. Jamais! Tomai vós mesmos esta decisão interior: doravante, nunca insultarei a mãe ou o pai de alguém. Foram eles que lhe deram a vida! Não devem ser insultados.

Esta vida maravilhosa é-nos oferecida, não imposta: renascer em Cristo é uma graça a acolher livremente (cf. *Jo* 1, 11-13), e constitui o tesouro do nosso Batismo no qual, por obra do Espírito Santo, um só é o nosso Pai, aquele que está no Céu (cf. *Mt* 23, 9; *1 Cor* 8, 6; *Ef* 4, 6). Obrigado!

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa e em particular os fiéis de Brasília guiados pelo Bispo Auxiliar Dom Marcony Vinicius e o grupo do Colégio Santo Inácio, de Fortaleza, sede bem-vindos! De coração saúdo a todos e confio ao bom Deus a vossa vida e a dos vossos familiares, invocando para todos as consolações e luzes do Espírito Santo, a fim de que, vencidos os pessimismos e as desilusões da vida, possais cruzar o limiar da esperança que temos em Cristo Senhor. Conto com as vossas orações.

Obrigado!

1 Cf. S. Agostinho, *Discurso sobre Mateus*, 72, a, 4: «Portanto, Cristo ensina-te a rejeitar os teus pais e, ao mesmo tempo, a amá-los. Pois bem, os pais amam-se ordenadamente e com espírito de fé, quando não se preferem a Deus: quem ama — são palavras do Senhor — o pai e a mãe mais do que a mim, não é digno de mim. Com estas palavras parece que te admoesta a não os amar; mas, ao contrário, admoesta-te a amá-los. Com efeito, teria podido dizer: “Quem ama o pai ou a mãe, não é digno de mim”. Mas não disse assim, para não falar contra a lei por Ele dada, pois foi Ele que, por meio do seu servo Moisés, concedeu a lei onde está escrito: Honra teu pai e tua mãe. Não promulgou uma lei contrária, mas confirmou-a; depois, ensinou-te a ordem, sem eliminar o dever do amor pelos pais: quem ama o pai e a mãe, mas mais do que a mim. Por conseguinte, deve amá-los, mas não mais do que a mim: Deus é Deus, o homem é o homem. Ama os pais, obedece aos pais, honra os pais; mas se Deus te chamar para uma missão mais importante, na qual o afeto pelos pais poderia servir de impedimento, conserva a ordem, sem suprimir a caridade».
